



**HAL**  
open science

## Apresentação

Rita Novas Miranda, Amândio Reis

► **To cite this version:**

Rita Novas Miranda, Amândio Reis. Apresentação. Vozes do Poema em Prosa, 2022, pp.7 - 9. <10.21747/21828954/ely19ap>. <hal-03916007>

**HAL Id: hal-03916007**

**<https://hal.science/hal-03916007v1>**

Submitted on 30 Dec 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire HAL, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0 - Attribution - Non-commercial use - No Derivative Works - International License

# APRESENTAÇÃO

## Vozes do Poema em Prosa

Ao estabelecer uma contiguidade entre prosa e poesia, formas associadas maioritariamente, ainda, a diferentes modos do discurso literário (o narrativo e o lírico) entendidos como contrastantes, o poema em prosa — bem como a prosa poética — parece constituir um inultrapassável paradoxo conceptual, insistentemente redefinido pela crítica e pela teoria literárias como pseudo-género em estado de permanente reformulação e assente na hibridiz, na anomalia ou na “exploração metonímica da incompletude” (Atherton e Hetherington 2016: 22). Em suma, a forma do poema em prosa parece invocar certa ideia de *deformidade* como característica fundadora e fundamental, sugerindo que se trata de um objecto constitutivamente ou potencialmente disruptivo, experimental e inconforme, que, como afirma Suzanne Bernard em *Le Poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours*, obra que continua a ser a grande referência neste campo de estudos, oscila entre dois pólos, o da “anarquia destrutiva” e o da “organização artística” (1978: 444).

Este número da *eLyra* procura interrogar e re-perspectivar o poema em prosa e as margens entre prosa e poesia, sem limites pré-determinados no que toca a épocas, línguas ou tradições literárias. A incidência dos olhares críticos sobre pontos de confluência e de atravessamento pretende dar espaço a estudos que reconsiderem o lugar-comum do choque formal produzido pelo poema em prosa à luz de novos entendimentos. Associado tanto ao narrador quanto ao sujeito lírico, ou dissociado de ambos, o poema em prosa e a prosa poética possibilitam interrogações específicas, pelo viés da sua estruturação narrativa ou da sua dimensão lírica, em relação *a quem* ou *ao que* fala (Kjerkegaard 2014: 188). É por esta razão que ao explorar também o “momento elástico” que configura a temporalidade do poema em prosa (Munden 2017), ou seja, a sua inscrição de histórias e a sua inscrição na História, este género tem sido um lugar privilegiado na manifestação de subjectividades alternativas e periféricas (feministas, *queer*, pós-coloniais, entre outras), e, ainda, subjectividades não-humanas (o objecto, a coisa, o animal).

É precisamente a voz do animal que abre o conjunto de textos aqui reunido, com a reflexão de Renata Coutinho Villon sobre “O que há de poesia no animal: uma análise da ‘prosa em prosa’ de Jean-Marie Gleize”. Descortinando algumas das formulações teóricas deste poeta francês contemporâneo em torno da “prosa em prosa”, um conceito ligado intimamente à figura do cão, tal como se defende em *Les Chiens noirs de la prose*

(1999), a autora procura, por um lado, inscrever a teorização de Gleize na história da literatura (francesa), regressando a Victor Hugo e passando por Charles Baudelaire, e, por outro lado, interrogar-se acerca da (in)operatividade de noções como as de “prosaico” e de “lírico” na constituição de uma voz “animalesca” ou animalizada, marcadamente anti-convencional.

É também de um problema de expressão que se ocupa o artigo de Juliano Gouveia dos Santos, intitulado “Ilhas da voz – paisagem e criação na prosa de Herberto Helder”. Embora não aborde directamente a questão do poema em prosa nem da prosa poética, em sentido estrito, Juliano Gouveia dos Santos elabora uma reflexão sobre o lugar particular da prosa contra o pano de fundo da poesia na obra helderiana. Neste contexto, o autor explora sobretudo o tópico da insularidade e da sua relação com a morte, destacando o modo através do qual a voz poética do texto helderiano evoca frequentemente uma morte necessária à transformação do tecido poético.

Ampliando e enriquecendo o enquadramento crítico e geo-cultural das interrogações desenvolvidas neste número, “Prose poétique africaine et philosophie de la création verbale”, artigo de Gounougo Aboubakar e Saran Cissoko, reflecte sobre a noção de prosa poética nas literaturas africanas. Partindo de uma análise minuciosa de excertos de Djibril Tamsir Niane, de Léopold Sédar Senghor, de Ahmadou Kourouma, de Joseph Anouma e de Zegoua Gbessi Nokan, os autores mostram de que modo as literaturas africanas, através da ligação à literatura oral, são historicamente híbridas do ponto de vista dos géneros, sendo a prosa poética, por isso mesmo, uma forma dominante.

O ensaio de Mariana Nascimento, “Poesia: escavações do fantasma. A tensão entre poesia e prosa em *Teoria do Fantasma* de Fernando Guerreiro”, traz-nos de volta ao contexto português e à literatura contemporânea. Mariana Nascimento tem como objecto do seu estudo a complexa relação entre prosa e poesia no livro *Teoria do Fantasma*, de Fernando Guerreiro, que inclui o encartado *Teatro Dubrowka*. A autora problematiza a espectralidade, associando-a à noção de resíduo, para mostrar como a dimensão ensaística e visual do livro de Guerreiro se insinua na poesia, criando novas formas de ler o poema.

Em “O grito do *griot* e o serviço da palavra: declamação e oratória na poesia de Abdias do Nascimento”, Gustavo Scudeller estende os estudos de caso abordados nos textos anteriores a outras latitudes da literatura em língua portuguesa. Centrando-se na obra do artista múltiplo Abdias do Nascimento, que exerceu também uma intensa actividade pedagógica e política no Rio de Janeiro, Scudeller examina as leituras gravadas, feitas pelo próprio autor, do livro *Axés do Sangue e da Esperança. (Orikis)*. Ao considerar as fronteiras permeáveis entre poesia e prosa para lá do universo da escrita, problematizando também a declamação e a oratória, o autor sublinha tensões entre escrita e oralidade, forma e ritmo, e literatura e musicalidade que se revelam centrais na entrevista que fecha este número.

Assim, a materialidade do poema em prosa e o desafio que ele coloca à rigidez de certas concretizações formais ocupam uma parte importante da reflexão de Regina Guimarães e Saguenail em torno da prosa, da poesia, e do poema em prosa, na entrevista realizada pelos editores deste número ao organizador e à tradutora de *Embriagai-vos* (Flop, 2019), uma antologia de poemas em prosa da literatura francesa do fim do século XVIII e do século XIX que se afigura um objecto ímpar no panorama editorial português. Sublinhou-se, deste modo, a importância desta antologia, não só pelas escolhas que faz e apresenta em português, mas também pela maneira como conduz o seu leitor historicamente, contextualizando a forma, os poetas e as obras. No prolongamento desse gesto, discute-se a relação do poema em prosa com o tempo, com outros géneros, com a tradução, evidenciando o seu lado subversivo que se mantém ainda hoje plenamente activo.

Rita Novas Miranda  
Amândio Reis

## BIBLIOGRAFIA

- Atherton, Cassandra / Paul Hetherington (2016), “Like a Porcupine or Hedgehog? The Prose Poem as Post-Romantic Fragment”, *Creative Approaches to Research*, vol. 9, no 1: 19-38.
- Bernard, Suzanne (1978), *Le Poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours*, Paris, Nizet.
- Guimarães, Regina (org.) (2020), *Embriagai-vos. Antologia de Poemas em Prosa de Autores Franceses*, trad. de Regina Guimarães, pref. e notas biográficas de Saguenail, Porto, Flop.
- Kjerkegaard, Stefan (2014), “In the Waiting Room: Narrative in the Autobiographical Lyric Poem, Or Beginning to Think about Lyric Poetry with Narratology”, *Narrative*, vol. 22, no 2: 185-202.
- Munden, Paul (2017), “Playing with Time: Prose Poetry and the Elastic Moment”, *TEXT*, no 46: 1-13.